

Onde Sonham as Formigas Verdes: Colonialismo, Mercantilização e Moralidades no Filme de Herzog¹

Natan Schmitz Kremer²

Caroline Finger Stresser³

Ana Luzia Garcia⁴

Rachel Tomas Abrão⁵

Resumo

Propomos a análise do filme *Onde Sonham as Formigas Verdes*, do diretor alemão Werner Herzog. O cenário se passa na Austrália, no período pós colonização inglesa. O dilema central se dá por conta do desejo da empresa de mineração Ayers objetivar fazer pesquisas geológicas e eventualmente explorar os recursos de um lugar tido como sagrado para os aborígenes. Como aponta a literatura das Ciências Sociais, as cenas evidenciam o choque de culturas das distintas moralidades envolvidas nas distintas estruturas sociais, com distintas relações com tempo (THOMPSON, 1998), dinheiro, trabalho (MARX, 2013; MARX; ENGELS, 2011) e religiosidades (DURKHEIM, 1989).

Palavras Chave: Colonialismo; Mercantilização; Moralidades.

I

Em *Onde Sonham as Formigas Verdes*, do alemão Herzog, percebe-se um etnocídio por parte dos colonizadores em relação aos aborígenes, compreendido por Clastres (1980, p. 56) como “a destruição sistemática dos modos de vida e pensamento de povos diferentes daquele que empreendem essa destruição”. Assim, o espaço *onde sonham as formigas verdes*, sagrado aos aborígenes, sofre com os ingleses que ignoram toda a imaterialidade contida ali, que oferecem características de sua cultura como moeda de troca, em uma tentativa de escambo territorial, utilizando-se de elementos como valores monetários, sistema hidráulico, ônibus para que as crianças aborígenes utilizem para ir à escola caracterizando um etnocídio, onde os empreendedores ingleses ignoram a possibilidade de que essas pessoas estejam dentro de outra estrutura de vida, com outros propósitos e objetivos distintos. Os ingleses da empresa Ayers, pautados na perspectiva evolucionista, ainda optam por oferecer aos aborígenes a criação de um museu de arte aborígene em alguma metrópole urbana, onde eles mesmos poderiam administrar. Esta proposta, que evidencia o *exótico e atrasado* povo

¹ Artigo escrito como critério de avaliação final da disciplina Prática Pedagógica de Complemento Curricular, no curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Agradecemos as contribuições dos professores doutores Ary Minella, José Kelly e Ricardo Silva.

² Graduando em Ciências Sociais pela UFSC. Email para contato: natan_kremer@hotmail.com.

³ Graduanda em Ciências Sociais pela UFSC. Email para contato: carolinestresser@hotmail.com.

⁴ Graduanda em Ciências Sociais pela UFSC. Email para contato: aluziag@gmail.com.

⁵ Graduanda em Ciências Sociais pela UFSC. Email para contato: rachelabrao@gmail.com.

aborígene, na concepção *evoluída* inglesa, entretanto, ignora a relevância imaterial destes objetos e rasgos culturais que, como apontam Contins e Gonçalves (2008), ao serem deslocados a um museu perderiam suas características mágico-religiosas e morais, restando apenas enquanto arte e estética.

Se pensarmos no sentido capitalista de produtividade, encontra-se ao longo da produção de Herzog um diálogo presente aos 38 minutos de filme, quando o presidente da empresa Ayers convida os aborígenes ao seu escritório, no centro do que acreditamos ser Sidney, mas no filme referido como “a cidade”, no décimo nono andar de um prédio, dizendo que, lá de cima, os aborígenes poderão ter uma bonita vista da cidade. Ao entrarem no elevador, a caminho do restaurante deste prédio empresarial e *civilizado*, o mesmo para de funcionar. O dono da empresa, com raiva em seu tom de voz, exclama: “Meu tempo é valioso”. Em seguida, olha aos aborígenes que lhe miram com certo desprezo. Percebendo a situação criada, busca remediar-se e diz, com tom sarcástico: “Desculpem, senhores, seu tempo é valioso também”. Assim, a noção de trabalho – e as distintas relações com – é evidenciada e é de clara percepção a distinção entre as interpretações de *tempo* presentes nas distintas identidades. Essa distinção dá-se pela forma como as organizações capitalistas de produção se desenvolveram, fazendo com que muitos autores relacionem o começo das organizações fabris com a necessidade de se instaurar uma nova ética. Pensando a partir de Thompson (1979), refletimos sobre a ideia de que a mudança de sentidos, hábitos, conhecimento, trabalho e economia provem do contraste que se estabelece entre o *tempo da natureza* – dos aborígenes – e o *tempo do relógio* – dos ingleses.

II

As cenas reproduzem um deserto australiano, onde ao desenrolar do filme será o espaço de choque entre estas culturas e moralidades: a inglesa do início do século XX, de um lado, que vem intensificando-se em um processo de modernidade, através da industrialização e a ascendência da exploração da mão de obra do proletariado; e os aborígenes, que tem suas terras invadidas e exploradas pela fração industrial (MARX; ENGELS, 2011) da burguesia inglesa, sendo ameaçados por pessoas que pretendem destruir seu território sagrado e impor uma nova concepção de cultura e padrões morais ocidentalizados e cristãos, tidos como *mais evoluídos* nas escala do evolucionismo social (CASTRO, 2005), que parte de seu momento histórico de compreensão cultural como o ponto mais alto da pirâmide social.

Ainda nesta proposta de evolucionismo cultural, expressa pela produção intelectual de autores como Frazer, Morgan e Tylor (compiladas em livro organizado por CASTRO, 2005), as culturas encontravam-se em movimento ascendente, através de diferentes etapas de desenvolvimento,

até alcançarem a etapa final de desenvolvimento da cultura ocidental. Mostrando, assim, as sociedades ocidentais em detrimento das demais e evidenciando tal posição etnocêntrica, em oposição ao *exótico*, *primitivo*, sendo a evolução das culturas um resultado da evolução biológica, que tinha como princípio fundamental o princípio da sobrevivência dos mais aptos, baseado em *A Origem das Espécies*, de Darwin.

Este etnocentrismo evolucionista colonial é intensamente evidenciado ao longo do filme e observamos como um processo histórico que vem se instalando e, hoje, podemos observar o mesmo fenômeno, que se dá de diferentes formas na contemporaneidade: um exemplo é encontrado aqui na América Latina, onde comunidades indígenas sofrem com a intervenção religiosa em seu território, costumes e cultura, como a ascendência pentecostal entre os Mapuche do Chile, como reflete Durán (2012). No Brasil, nota-se o impasse na construção da hidrelétrica de Belo Monte, onde a voz/crenças/costumes das 28 etnias que ali viviam aparecem em detrimento dos desejos ocidentais, muitas vezes instigados pelo desejo do capital. Pouco se importa com a quebra de interações culturais ou das teias de significados que são danificadas com a apropriação territorial, e o *homem ocidental* continua a subjugar qualquer manifestação cultural, crença ou costumes que fuja do seu mundo particular, desconsiderando as especificidades de cada povo.

A questão da imposição de uma cultura sobre a outra também está presente em outros fragmentos, e aqui evidenciamos uma passagem representada pelo tratorista, funcionário da empresa Ayers, responsável por tentativas de atacar os aborígenes, pois para ele, a situação poderia ter seu término de maneira mais simples: matando os aborígenes com o trator. Existem cenas que expressam esta relação, quando os aborígenes, em forma de resistência, permanecem deitados frente ao enorme formigueiro e o tratorista parte em sua direção. O geólogo – que assume identidades relacionais: de um lado funcionário da empresa Ayers e, de outro, pessoa que começa a perceber as distinções culturais, em um processo de transformação – surge e impede que o tratorista os atrole. Na imagem do tratorista observamos uma tendência comum quando se apresentam duas sociedades em choque: a negação e a não aceitação de uma sociedade perante a outra, já evidenciado por Benedict (2000).

Com este comportamento do tratorista, podemos perceber que seu receio e incompreensão aos costumes do povo aborígine com o qual ele se vê obrigado a lidar são originários nos moldes culturais que o constituíram dentro de sua própria sociedade (BENEDICT, 2000), e como age sobre ele um forte poder de coerção que o faz acreditar que o único tipo *correto* - e, por consequência, *evoluído* – de sociedade são os códigos culturais que o constituem.

Se pensarmos estes choques de formas organizacionais, podemos tomar como exemplo *Os Nuer*, estudados por Evans-Pritchard (2013), que vivem em uma sociedade sem dirigentes (acéfala)⁶, em uma anarquia ordenada. A organização política Nuer é distinta da organização política inglesa, onde Evans-Pritchard viveu, pois no Reino Unido encontramos um estado governado por um sistema parlamentar e uma monarquia constitucional tendo como chefe de Estado a rainha Elizabeth II. Outra oposição visível é que os Nuer têm um sistema de vendeta que faz com que ninguém tenha poder sobre o outro, diferentemente do Reino Unido onde existe um monarca que detém o poder.

Nesta linha, observa-se os impactos do choque entre religiões presente entre ingleses e aborígenes, onde o primeiro grupo ignora as crenças e experiências dos aborígenes. Sendo este um dos dilemas centrais da obra, não nos esquecemos dos ensinamentos de Durkheim (1989; 2011) sobre a religião. Em *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1989), nos mostra que a religião, em seu istmo mais profundo, tem a função social de congregar pessoas e lhes dar formas de sociabilidade sendo que, para ele, “não há religiões falsas. Todas são verdadeiras a seu modo: todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana. Certamente não é possível dispô-las segundo uma ordem hierárquica. [...]” (DURKHEIM, 1989, p.VII). Também identificamos como essa questão de tratar as religiões de forma hierárquica, bem exibida pela posição dos ingleses frente às crenças aborígenes, é trazida como um fator eminentemente social, pois as representações religiosas exprimem as realidades coletivas, os ritos que estão no interior dos grupos sociais e servem para manter estados do pensamento desses grupos. Em *O Suicídio* (2011), Durkheim nos mostra estas sociabilidades, quando constata as taxas de suicídio entre católicos e protestantes, e percebe que protestantes apresentam maiores taxas que católicos. Assim, passa a investigar e percebe que, na igreja católica, existem maiores momentos de sociabilidade (como missas) e uma interpretação fixa da bíblia, ao passo que, na protestante, existe um menor número de encontros e maior possibilidade interpretativa da bíblia. Assim, a religião protestante deixa as pessoas “mais soltas”, não apresentando tanta coesão social, acarretando em maior taxa de suicídios.

Retornando à análise da obra de Herzog, identificamos que o enredo gira em torno do formigueiro no qual vivem os aborígenes, local onde dormem as formigas, com características de divindade, e por não entender as crenças seguidas pelos aborígenes, os ingleses forçam uma apropriação de um território que, para eles, não tem significados, mas que, contrariamente, para os aborígenes, tem. Uma cena identificada logo nos primeiros minutos do filme nos traz o seguinte diálogo:

⁶ A proposta de Evans-Pritchard (2013) para uma sociedade acéfala parte do pressuposto de que seria uma sociedade sem uma pessoa que centraliza o poder. No caso, não esquecemos do líder Leopardo, mas como o autor evidencia, este personagem tem um posto apenas simbólico, mas sem real poder.

“O senhor é cristão?” – pergunta um dos aborígenes;
“Não sei, fui criado como um.” – responde o geólogo.
“O que você faria se eu levasse escavadeiras para escavar suas igrejas?” – é a frase simétrica com a qual o aborígene encerra a conversa. (Descrição da cena do filme Onde Sonham as Formigas Verdades disponível ao longo do 23º minuto de filme).

III

Aos 30 minutos do filme, o geólogo se encontra em uma loja de conveniências, em um diálogo com o proprietário do estabelecimento. Em um canto da loja, há diversos homens aborígenes sentados, com os olhos fechados. O geólogo pergunta o que estes fazem ali, ao qual o dono responde:

Este era o local onde eles sonhavam os filhos, com uma árvore sagrada. Quando chegamos aqui, destruimos a árvore e construímos a loja. No começo, eles entravam e nós mandávamos sair. Mas hoje, é bom que fiquem aqui sonhando seus filhos antes de fazê-los: quanto mais crianças, mais consumo. (Fragmento de Onde Sonham as Formigas Verdes disponível ao longo do 28º minuto do filme, com alterações).

A total relação de compra e venda (MARX, 2013) de mercadorias também está expressa no filme, abordando a mercantilização do mundo. Mostra-se que todas as relações criadas no âmago daquela situação passam a ser provenientes do anseio por obtenção de capital, anseio este que perpassa qualquer tipo de barreira e permeia as relações sociais mais íntimas dos ingleses para com os outros, pois, como evidencia Clastres (1980, p. 62), “(...) tudo é inútil, tudo deve ser utilizado, tudo deve ser produtivo; de uma produtividade levada a seu regime máximo de intensidade”.

A atuação da empresa Ayers sobre as terras australianas objetiva dinamitar o solo para um estudo geológico o qual eventualmente pode gerar a exploração mineral do solo *onde sonham as formigas verdes* para retirar urânio e transformá-lo em mercadoria. Sendo este urânio extraído forçosamente pelos empreendedores ingleses do solo australiano, sem nenhum tipo de consentimento do povo que ali vivia, e levado para ser comercializado em outras regiões e convertido em energia, produtos médicos e agrícolas, o consumidor desta mercadoria pronta desconhece as relações sociais que existem por trás do processo de produção, conhecido como *feiticismo* da mercadoria. (MARX, 2013).

Já aos 47 minutos de filme, vê-se a construção de uma pista para aterrissagem de avião na comunidade aborígene. O desejo nasce na visita ao escritório do dono da companhia Ayers, quando o mesmo embarca em um helicóptero. Entretanto, no processo de construção da pista podemos ver distintas concepções relacionadas à ideia de trabalho: a concepção dos ingleses, vanguardistas da Revolução Industrial do século XVIII; e, de outro, dos *pretos*, como os aborígenes são chamados pelo

tratorista que trabalha na pista e reclama, pois os aborígenes não o auxiliam após o almoço, aproveitando para descansar.

A concepção de imposição cultural inglesa continua nos prosseguimentos do filme, onde se assiste a cena que se passa no tribunal, e vemos todos os aborígenes trajando ternos, no momento em que se pede o reconhecimento legal de suas terras. Entretanto, na moralidade aborígene, a sensação de pertencimento da terra nunca passou por este código legislativo, como no caso da legislação inglesa. Assim, os aborígenes vivem uma experiência de violação de sua identidade. Após arguições diversas, Malili, representante aborígene, tem o direito a fala, e o faz, embora ninguém o entenda. Explica-se que Malili trata-se do último *guardião das canções sagradas* de seu clã, sendo ele reconhecido pelos aborígenes como *mudo*, pois ninguém pode compreender o que fala.

Para que haja a comprovação da terra por parte dos aborígenes, leva-se ao julgamento um ornamento de seus antepassados, que acreditamos ser um churinga⁷, representando a consciência coletiva aborígene. (DURKHEIM, 1977). Mesmo com todas as evidências e (aparente) vontade do juiz em deixá-los com suas terras, decide-se que a terra é da Coroa, haja vista a não existência de documentos considerados válidos, na moralidade ocidental. Podemos observar nessa decisão do juiz que as marcas culturais aborígenes têm menos relevância na hora de decidir quem ficará com a terra, destinando-se maior importância no veredito final à extração de urânio, pautado no positivismo jurídico, onde os aborígenes não tem nenhuma prova documental que comprove seu vínculo com a terra.

A alegação de negação foi constituída com base na conclusão de que a argumentação aborígene não foi pertinente, pois não condizia com as leis vigentes no país (entretanto, quem produz as leis de uma colônia e quem tem interesses coloniais nela?). Aqui, o geólogo, dividido sobre o que pensa como certo durante o enredo, discorda da decisão e acaba por se irritar, mostrando-se enquanto afetado pelo grupo que passa a defender. (FAVRET-SAADA, 2005).

Considerações Finais

Através da análise de *Onde sonham as formigas verdes*, percebemos a ideia de evolucionismo cultural, proposto por autores como Frazer, Morgan e Tylor (in CASTRO, 2005), com a relação de supremacia inglesa sobre os aborígenes, evidenciando uma forte noção de etnocentrismo relacionada à imposição cultural sofrida por eles e a destruição de toda uma teia de significados, que gera um etnocídio (CLASTRES, 1980). No desenrolar do filme, essa relação de disparidade entre os ingleses e

⁷ Para Durkheim (1989), o churinga trata-se de um objeto que pode ser carregado e possui a imagem do totem do referente clã, evocando o status de sagrado quando evocado.

aborígenes fica clara na forma como ambos tem uma estrutura de vida diferenciada. Nota-se tal diferença nos costumes, hábitos, nas próprias relações organizacionais e explicita-se na forma como eles se relacionam com o tempo (THOMPSON, 1998).

A intolerância religiosa é um dos temas que está presente ao longo de toda a trama. Os empreendedores ingleses não conseguem entender o porquê de aquele local ser sagrado para os aborígenes – pois não foram sociabilizados na mesma consciência coletiva (DURKHEIM, 1977), que os moldaria dentro destes padrões culturais (BENEDICT, 2000) – e, além disso, não respeitam seus costumes e crenças.

Ainda, pode-se perceber conceitos como o fetichismo da mercadoria (MARX, 2013), quando o consumidor final do produto extraído da terra *onde sonham as formigas verdes*, o urânio – seja ele em forma de energia elétrica, utilizado em equipamentos médicos, etc. –, não sabem todas as teias de relações empregadas no processo de produção daquele produto. Também a mercantilização do mundo e o processo globalizador, onde os bens de consumo são produzidos em diferentes lugares do mundo, como na abordagem do filme, quando o urânio é extraído e levado para o enriquecimento em outra parte do globo, fazendo com que todo o processo empregado ali seja esquecido em prol apenas do consumo e abastecimento do mercado externo.

Por fim, analisamos a trajetória do geólogo, levado à Austrália para trabalhar junto à empresa Ayers, no processo de extração de urânio. O geólogo, entretanto, permite-se *ser afetado* (FAVRETT-SAADA, 2005) pelas reivindicações dos aborígenes ao perceber que eles estavam embutidos em moldes culturais distintos do seu, mas não menos válidos, passando a respeitar seus códigos e normas culturais, não concordando com a decisão final do juiz que destina o território aborígene à coroa.

Referências

BENEDICT, Ruth. *Padrões de Cultura*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2000.

CASTRO, Celso (org). *Evolucionismo Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac & Naify, 1980.

CONTINS, Márcia; GONÇALVES, José Reginaldo. Entre o Divino e os Homens: A Arte nas Festas do Divino Espírito Santo. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 67-94, jan.-jun. 2008.

DURÁN, Daniela. Pentecostalismo Mapuche. *Mapuche – procesos, políticas y culturas en el Chile del bicentenario*. Santiago de Chile: Catalonia, 2012.

DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

_____. *Da divisão do trabalho social*. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1977.

EVANS-PRITCHARD, Edward. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. *Cadernos de Campo*, n.13, p. 155-161, 2005

MARX, Karl. *O Capital: crítica a economia política*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Edipro de bolso, 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.